



Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_18/2017

Homilia na Ordenação de diáconos

Braga, Sameiro, 09.Jul.2017, 15h30

Servos e mais nada

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor. (...) E Jesus disse: “Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir.” (Lc 4,18-21)

A Palavra de Deus transcende o tempo histórico e reflecte uma constante actualidade no que respeita aos destinatários e aos conteúdos que encerra. Ainda que pronunciada no passado, a Palavra de Deus é escutada hoje com toda a sua frescura, continua a interpelar e a colocar em questão a vida dos crentes. Quando Jesus diz “cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir” (Lc 4,21) não pretende esgotar naquele momento a eficácia da Palavra. Pelo contrário. Ela é amplificada para encontrar ressonância, através dos tempos, no coração de todo o crente. O *hoje* de Jesus acontece sempre que alguém O escuta e Nele deposita a sua confiança.

Em dia de ordenação de diáconos, e numa semana que gostaria que fosse de abertura ao Espírito Santo que faz novas todas as coisas, não posso deixar de pedir a todos os cristãos que se entreguem incondicionalmente a Deus. Hoje quatro jovens recebem o Sacramento da Ordem. São um exemplo de entrega e um sinal de esperança. São também um testemunho da alegria que o serviço faz brotar em nós. Também dois adultos, depois de um longo processo de discernimento e formação, entregam a sua vida à Igreja para a servir com alegria.

A atitude de serviço nasce, antes de mais, de uma convicção pessoal. A Humanidade não é feita de ilhas ou arquipélagos. Somos pessoas e, como tal, somos com os outros. Temos uma identidade que necessita de ser compreendida e respeitada. Crescemos conjuntamente, aceitando o outro como parte integrante da nossa vida, e desdobramos assim a nossa identidade em gestos e atitudes estruturais. Por sermos pessoas de relação, é importante vivermos para os outros e solidificarmos dinamicamente a entrega sem nada pretender em troca. A gratuidade é o horizonte fundamental do cristão, seja ela a nível material ou espiritual. Esta marca da personalidade, centrada na pessoa, é genuína quando nela transparece alegria. É certo que podemos até sentir cansaço e fadiga mas, ao mesmo tempo, isso significa que caminhamos no sentido da solidariedade e da responsabilidade onde se faz o bem unicamente por amor a Deus e ao próximo. E recomeçamos sempre com renovado ardor e entusiasmo. Quem ama a Igreja, e nela as pessoas, nunca se cansa.

O ser com os outros conduz a uma vida que sublinha a necessidade de exteriorizar o que nasce do



interior. Isto é importante num contexto cultural onde a tendência é de se fixar nos próprios interesses e nos dos mais próximos. A lógica deveria ser, pelo contrário, a de chegar a todos. Não se trata de merecer ou de exigir simpatia. Todas as pessoas nasceram à imagem e semelhança de Deus e, como tal, merecem o melhor de nós. Não seria este o comportamento do próprio Deus? Sim. Nunca se vive para os outros sem a opção por Deus.

Urge reaprender o significado do Homem desconhecido e ferido que jazia à margem da estrada. O Samaritano não se fechou em considerações ou em hipóteses que o poderiam desculpar. Diante de si tinha uma pessoa a solicitar amor, respeito, atenção, serviços especiais para os quais não estava preparado e que, por isso, teve de pedir ajuda a outros. Esta presença visível de Jesus Cristo faz com que qualquer tipo de necessidade se torne para nós uma missão. Foi isso o que aprendemos no Ano da Misericórdia. Sabemos, ou devemos saber, que a grande novidade pastoral do Papa Francisco é o acentuar da Misericórdia com traços de simplicidade. Cada cristão deve ter um coração onde ternura e o carinho coabitem. É esta verdade que importa descobrir. Não se trata de reconhecer que os outros merecem ou nos solicitam ajuda. Falo de uma espontaneidade que faz do serviço uma expressão alegre do viver em comunidade. O Papa Francisco respondia à questão de “quem são os destinatários privilegiados do anúncio do Evangelho” afirmando: “a resposta é clara; encontramos-la no próprio Evangelho: os pobres, os humildes e os doentes, aqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, aqueles que não te podem retribuir”.

Gostaria, nesta ordenação de diáconos, de alargar a minha reflexão e afirmar que todo o cristão é um diácono que não só vive com os outros mas que se dá total e gratuitamente. Desde há 50 anos sonho esta Igreja! Se nestas bodas de ouro sacerdotais quiserem dar-me uma alegria ou uma prenda, peço-vos simplesmente que esta atitude de serviço se multiplique em todas as comunidades. A missão dos diáconos é a do serviço das mesas, ou seja, do altar na liturgia e da mesa da dignidade para todas as pessoas. Mas isto é um sinal obrigatório a seguir todos os momentos com o risco de transgredir, afastando-nos da nossa identidade de discípulos.

Por outro lado, compete-lhes também anunciar a Palavra. Sabemos, contudo, que no contexto em que vivemos o anúncio mais convincente está no silêncio das obras. Quando nos entregamos à causa anunciamos Cristo-Amor com uma eloquência que toca os corações. Apetece, por vezes, dizer: calemse as palavras e deixem que as obras pequenas e humildes gritem a força e o vigor do Evangelho. Temos de investir energias em anunciar a Palavra de modo inteligente e perceptível à Modernidade. Enuncio apenas alguns exemplos: falar do amor desinteressado e do sentido de entrega a todos; acolher de modo solícito e fraterno; consolar com acompanhamento sereno e tranquilo ou ainda evidenciar o amor de Deus com a hospitalidade de corações. Esta é a linguagem da Misericórdia.

Nesta gramática da Misericórdia reconhece-se e respeita-se a dignidade do ser humano. Um desafio tão exigente quanto apaixonante. O serviço, mesmo no silêncio e sem parangonas nos jornais, é a evangelização mais coerente e atractiva. Por isso é que a Igreja, se não viver segundo a lógica do amor, da caridade e da misericórdia, entra num processo de morte. A sua vida e a sua força estão, apenas e só, no prolongamento do amor de Deus. É esta consciência que vós diáconos, permanentes ou em ordem ao sacerdócio, hoje assumis, na certeza de que muitos outros, vendo o vosso amor, quererão seguir o exemplo para sermos uma Igreja de amor e comunhão, a única que conseguirá



permanecer nestes tempos de hostilidade e desconfiança.

Acredito e sonho com uma Igreja de servidores que se oferece e procura ser a expressão do amor. Peço a Maria, a mulher da presença serviçal em Canã e do silêncio dolente no monte Calvário, que acolha esta Igreja Arquidiocesana e que a faça crescer na disponibilidade para o Reino de Deus. Que nos conceda a alegria de evangelizadores, dando-nos cristãos descentrados de si e centrados no respeito pela dignidade de todos. Sejamos capazes de traduzir a fé em virtudes cristãs e actos solícitos que ajudam o próximo no corpo e no espírito. Este é o cristianismo para hoje e que a todos deve entusiasmar. Que Deus toque o nosso coração e nos faça compreender que basta de rotinas alicerçadas no interesse pessoal, claro ou camuflado.

Louvo a Deus por todos quantos estão disponíveis para esta Igreja renovada onde transparece o serviço vinte e quatro horas por dia.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*